

Editorial

Sobre chavões, mantras e o professor-pesquisador

Valdir Marcos Stefenon

Doutor em Genética Florestal

Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas, UNIPAMPA campus São Gabriel

Av. Antônio Trilha, 1847 - São Gabriel, Rio Grande do Sul, Brasil - CEP: 97300-000

E-mail: valdirstefenon@unipampa.edu.br

Um dos chavões mais ouvidos no meio acadêmico diz respeito à indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Originalmente apresentada na Constituição da República Federativa do Brasil (Brasil, 1988), esta premissa é repetida incessantemente como um verdadeiro mantra através dos corredores, salas de aula, laboratórios e gabinetes administrativos. Porém, mesmo com a constatare propagação deste mantra, parece que ficamos cada dia mais distantes de sua implementação.

Mas, se partirmos do princípio que os educadores, pesquisadores e extensionistas estão dentro dos meios acadêmicos, por que é tão difícil a implantação desta indissociabilidade?

Muito provavelmente esbarramos no simples fato de que dificilmente nos vemos capazes de bem fazer mais do que uma dessas atividades. Em toda instituição acadêmica encontramos colegas que se autoidentificam como bons professores (ensino) mas incapazes de fazer pesquisa e extensão, enquanto outros se identificam como pesquisadores mas que ministram aula (ensino) por ser obrigação, pois não sabem ou não gostam e, por isso, não concentram energia nesta atividade. A extensão então, parece ser entendida como atividade exclusiva das áreas agrária e da saúde.

Claro que nenhum profissional é obrigado a realizar ensino, pesquisa e extensão de maneira plena e com 100% de satisfação. Porém, minha experiência de mais de 20 anos como educador, metade desta no ensino superior, levou-me a uma interessante constatação: essa indissociabilidade não só é inerente da vida acadêmica, mas aprimora o desenvolvimento daquela atividade que mais nos dá prazer, seja ela a pesquisa, o ensino ou a extensão.

A pesquisa assim pode ser entendida como uma ferramenta de busca de respostas para perguntas científicas, devidamente sistematizada e controlada, buscando a imparcialidade e a repetibilidade dos resultados. O ensino é caracterizado como o instrumento de produção do conhecimento e não como mero processo de repetição e memorização, com alunos e professores como membros atuantes deste processo. E, por fim, a extensão constitui um caminho para a propagação do conhecimento produzido, àqueles que dele dependem e devem desfrutar, mesmo com pouco letramento acadêmico-científico.

Com base em minha formação (Licenciado em Ciências Biológicas) e desenvolvendo pesquisas na área de Ecologia Molecular de plantas há 15 anos (Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado e Professor Orientador), vi minha atividade de ensino (popularmente conhecidas como aulas) tornar-se mais rica e próxima da realidade dos alunos no momento que incluí nesta dinâmica

os resultados de minhas pesquisas. Por outro lado, percebi que a curiosidade e a vontade de explorar novos horizontes de pesquisa aumentaram ao deparar-me com os questionamentos vindos dos alunos. E a extensão? Bom, ela complementa o “carma” do professor-pesquisador, pois a extensão promove a divulgação dos resultados do trabalho árduo realizado dentro da academia.

Acima de tudo, ser professor-pesquisador é uma necessidade no meio acadêmico. Ser professor-pesquisador significa realizar a função social de produzir conhecimento no mais amplo e completo significado da expressão. Significa produzir conhecimento novo, ao mesmo tempo que se orientam jovens a gerar novo conhecimento.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, de 5 de outubro de 1988. Diário Oficial {da} República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 5 de outubro de 1988.